

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São Paulo

Class.: Semana do Índio

Data: 21 de abril de 1984

Pg.: 108

Márcio Souza 190

### O pior sentimento e o melhor

Certa vez conversando com um amigo, índio tukano do alto rio Negro, ele me disse uma coisa muito certa. Os brancos civilizados não encontraram ainda um meio termo para tratar com os povos indígenas. Nós, os índios, ele me dizia, conseguimos despertar o melhor e o pior de vocês.

— Nem sei o que fazer — ele confessava. — Quando não sou obrigado a encarar algum branco querendo acabar com a gente na base do tiro, encontro pela frente outro que quer me reduzir a uma idéia vazia que ele meteu na cabeça e faz disso a meta de seus melhores sentimentos. Já estou chegando à conclusão que são exatamente iguais.

Ponderei que certas diferenças estavam claras nas duas posições. E que um branco que apoiava os índios era diferente do outro que

atacava as terras indígenas e trabalhava para dizimá-los. Ele sacudiu a cabeça negando o meu esforço de conciliação.

— Veja a minha situação. Outro dia levei um puxão de orelha de uma militante da causa indígena, só porque eu estava vestindo uma calça Lee e gosto de beber Coca Cola. Ela me disse que usando essas coisas eu estava me descaracterizando. Como é que ela queria que eu andasse pelas ruas da cidade? Nu, de tanga, cheio de colares de missangas? E quando sentisse sede tomasse caxiri? Ela ficou me pressionando tanto que me deu vontade de mandar ela tirar o adorno macuxi que ela trazia no pescoço. Aquele adorno, que agora qualquer um pode comprar em loja de artesanato, só pode ser usado por homens e em certas festas que acontecem de dois em

dois anos. Falei isso pra ela mas não adiantou, ela me disse que não era índia. Tá certo, se fosse índia não ia mesmo ter coragem de me dirigir a palavra como ela fez e invés de estar me aborrecendo a paciência andaria pela roça cuidando da alimentação do povo. Mais uma vez tentei explicar a esse amigo que era importante que os índios contassem com gente como aquela moça, preocupada com a descaracterização dos povos indígenas. No íntimo eu já começava a entender o meu amigo.

Algumas vezes me sentira constrangido ao ver que a questão indígena estava virando reduto alternativo, andava servindo de motivação de adeptos do naturalismo de luxo pós-consumo e até confundida com problema ecológico. Índio e vegetação não tinham diferenças, assim como o índio parecia talhado para os pobres misticismos urbanos, descartáveis e escapistas, sintomas da indigência cultural de certas camadas da população das grandes cidades.

Tive que concordar com o meu amigo. É que na medida em que o índio estava sendo tomado por sua imagem exterior, por seus adornos, suas cerimônias e certos costumes, facilmente se escondia o fundamental. Um desses idiotas no natural enche a boca e mais facilmente com suposto respeito pelas cerimônias, colando nisso sua própria vacuidade, do que é capaz de efetivamente colocar-se ao lado dos índios.

Mais importante que minha tanga de tururi, que as cerimônias de meu povo, é a maneira que eu vivo. E como eu vivo? No meu povo não temos o que vocês chamam de propriedade privada. Isso é coisa que eu não consigo entender, e olha que eu já li muito a respeito. O fundamental, para nossa sobrevivência, é garantir a existência da nossa sociedade, onde a terra é coletiva, não tem proprietários, não tem donos, não tem patrões mandando a gente trabalhar pra eles. É isso que faz a gente continuar vivo e índio, mesmo usando calça Lee, bebendo Coca-Cola e olhando televisão.

Lembrei do depoimento de um chefe esquimó em 1917, quando contaram que os bolcheviques tinham tomado o poder na Rússia. Explicaram a ele o significado da revolução soviética e de como o conceito de propriedade estava agora abolido no país. O chefe esquimó olhou com profunda piedade aos que lhe traziam a informação e respondeu que tudo aquilo eles já tinham conquistado fazia séculos e nada ia modificar pra eles.

Lembrei essas coisas nesta semana quando mais um dia 19 de abril passa em brancas núvens, porque a questão do índio é um dos grandes desafios nacionais e estou insultado com o Estado de Emergência em Brasília.